

A EXPRESSÃO DE VIOLÊNCIA NO IDIEMATISMO BRASILEIRO²

Vicente Martins (UVA, UFC)
vicente.martins@uol.com.br

RESUMO

As crianças, durante o processo de aquisição da linguagem, aprendem e memorizam formas simbólicas de violência através de palavras, frases e fraseologias de sua língua materna. Na fase adulta, recorremos, graças à memória episódica, às expressões idiomáticas em diversos contextos de uso da língua. Como os adultos, então, interpretam as expressões idiomáticas? Que tipo de compreensão as crianças, na primeira infância, têm das expressões idiomáticas do tipo “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”? O presente artigo procura responder a estas indagações que inquietam educadores, psicólogos e pais. Dados coletados da fraseologia popular apontam que os significados dados às expressões idiomáticas não são arbitrários, mas têm base metafórica que decorre de esquemas de imagens e movimentos que emergem a partir de nossas experiências corpóreas armazenadas em nossa memória episódica.

Palavras-chave: Violência. Expressões idiomáticas. Memória episódica.

1. Introdução

A violência, desde a antiguidade clássica, tem encontrado nas diversas formas de fraseologismos (sentenças, provérbios e expressões idiomáticas), um meio eficiente para difundir valores e ideias de agressividade, guerra, ira, coação, opressão e tirania. Este estudo analisa, à luz da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva, a interpretação dada por adultos e crianças a expressões idiomáticas relacionadas com a violência.

Para este estudo, analisamos dos dados oriundos de uma pesquisa-piloto, levada a efeito no ano de 2009, na microrregião de Sobral, situada no Noroeste do Estado do Ceará, sob a denominação de “*Corpus de Expressões Idiomáticas de Sobral*” (doravante, CEIS-2009). Durante a evocação livre das expressões idiomáticas, podemos observar um número expressivo dessas unidades fraseológicas relacionadas à agressividade e à violência linguística.

² Agradeço à Prof^a Dra. Rosemeire Monteiro-Plantin, (UFC), minha orientadora de doutorado, as valiosas contribuições teórico-metodológicas para a elaboração do presente artigo.

Do ponto de vista conceitual, as expressões idiomáticas, lexicologicamente, são definidas como unidades gráficas, também chamadas icônicas, metafóricas, figuradas, não composicionais e, por nós, neste artigo, batizadas de *enunciados fraseológicos*. A expressão "enunciados fraseológicos" nos permite analisá-las a partir de aportes da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva.

Pensamos, assim, em delimitar estes enunciados idiomáticos em dois tipos: (a) expressões idiomáticas (modismos) e (b) expressões semi-idiomáticas (colocações). Por modismo, entendemos, segundo a acepção de Houaiss (2009), "locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, geralmente, por ter um significado não dedutível da simples combinação dos significados dos elementos que a constituem". Por colocações, referimo-nos a combinações de unidades lexicais fixadas na norma linguística ou uma combinação de palavras que se distingue pela sua alta frequência de uso. Neste artigo, não trataremos das colocações.

Na verdade, a definição das expressões idiomáticas tem sido muito mal resolvida pela Lexicologia, linguística, Linguística Cognitiva e pela própria Fraseologia, abrigadas muitas vezes em diferentes abordagens (psico)linguísticas. Para se ter uma ideia de quão é complexa a definição de expressões idiomáticas, lembraríamos que existem muitos termos que abarcam os diversos tipos fraseológicos, como, por exemplo: "expressões fixas", "unidades fraseológicas ou "unidades poliverbais"; e, dentro destas denominações genéricas, existem outros diferentes tipos: por um lado, as parêmiás (provérbios, refrões, adágios, aforismos); por outro, as expressões idiomáticas (fórmulas, modismos), e, ainda, as colocações, entre outros termos já bem descritos na literatura.

As definições fraseológicas dos dicionários de linguística mais antigos, como as de Câmara Júnior (1981, p. 142) e Dubois *et alii* (1993, p. 93 e 330), definem-nas como frases cristalizadas numa língua cuja combinação ou sintagma tem um caráter *estabilizado*. Para nós, contrastando, brevemente, com as acepções mais "estáveis" e reproduzidas em grande parte pelos dicionaristas, o verbete expressão idiomática, no singular ou na sua forma plural, são uma enunciação do ponto de vista linguístico, o que equivale a dizer serem eventos de fala, em que se ressalta o papel dos falantes num dado contexto comunicativo.

Queremos, então, sustentar, recorrendo a Oswaldo Ducrot (1987), que a expressão idiomática não é, a rigor, uma simples "frase" ou "locu-

ção”, “construção que encerra um sentido completo”, prescrita pelos gramáticos, e sim, um *enunciado*, e como tal, definido, por Ducrot, como “manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc*³ de uma frase.” (p. 164, grifo nosso). Assim, as expressões idiomáticas são definidas por nós como “enunciados fraseológicos” que podem ser analisados segundo duas perspectivas.

Na primeira, são, formalmente, enunciados cristalizados e memorizados, isto é, são um produto acabado, fechado em si mesmo. Na segunda perspectiva, nós as vemos, porém, como produto de uma enunciação, no centro do qual se inscreve. Qualquer pessoa ou comunidade linguística as evoca ou as repete, em determinadas episódios, com intenções determinadas pelo interlocutor, que as compreende ou não (REUTER, 2007, p. 15). As expressões idiomáticas são enunciados presentes nas nossas conversas, urbanas ou rurais, públicas ou privadas, e, sobretudo, estão manifestas nos episódios do nosso cotidiano, através da “memória de eventos”.

2. *Constituição de um corpus de expressões idiomáticas*

Para elaboração desta investigação, realizamos, inicialmente, uma pesquisa-piloto, levada a efeito no ano de 2009, na microrregião de Sobral, situada no Noroeste do Estado do Ceará, sob a denominação de CEIS-2009. Para tanto, contamos com adesão de alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), através de atividade acadêmica decorrente de *uma prática de pesquisa sobre o idiomatismo popular*, em que foram registradas, por 43 entrevistadores (dora-vante, documentadores), cerca de 600 unidades fraseológicas evocadas, livremente, por adultos (e crianças), residentes naquela região. Cada documentador entrevistou 10 adultos e 10 crianças. Cada adulto evocou 5 unidades fraseológicas. As crianças interpretaram expressões idiomáticas do tipo “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”? A experiência de estudo, em sala de aula, e análise dos dados do CEIS-2009 foram interessantes e gratificantes do ponto de vista acadêmico e nos renderam o arcabouço teórico-metodológico deste artigo.

³ A expressão latina quer dizer “neste exato instante e local”, o que, no nosso entender, caracteriza bem o caráter sincrônico e episódico de muitas unidades fraseológicas.

Como professor de Linguística e língua estrangeira (espanhol), temos especial interesse pelos estudos fraseológicos, particularmente a relação entre fraseologia e memória episódica na perspectiva da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva. Sabemos que o fraseologismo está presente em todas as línguas, sejam antigas ou modernas. Levando em conta a recorrência desse fato linguístico, o franco-suíço Ferdinand de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (1995) cuja primeira edição é datada de 1916, traz no Capítulo V (Relações sintagmáticas e relações associativas), especialmente o § 2, uma seção sobre “relações sintagmáticas” em que estabelece as bases conceituais do que denominamos hoje de fraseologia, ramo linguístico posteriormente aprofundado por seu discípulo Charles Bally.

Interessante observar que Saussure, agora revisitado por nós para a elaboração deste artigo, diz ter encontrado nos estudos comparativos das línguas – o que nos leva supor que a língua francesa e o próprio sânscrito sejam contemplados nas suas primeiras postulações ou especulações fraseológicas – uma quantidade significativa de “expressões que pertencem à língua” (SAUSSURE, 1995, p. 144), denominadas, por ele, de *frases feitas*, nas quais, segundo o linguista, o “uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela *reflexão*, as partes significativas” (*Ibidem*, grifo nosso).

Foi graças, também, a Saussure que passamos a ver as expressões idiomáticas como manifestações de uma cultura: “Esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela *tradição*” (*Ibidem*, grifo nosso) cuja evocação livre é “possível pela *lembrança* de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua” (grifo nosso) e, ainda, na referida seção sobre os sintagmas, ressalta o Mestre de Genebra a natureza psicológica das “frases e grupos de palavras estabelecidos sobre padrões regulares” por terem, segundo assinalou em sua obra póstuma, uma “base na língua sob a forma de *recordações concretas*” (*Idem*, p. 145, grifos nossos).

A expressão saussuriana “recordações concretas”, interpretada por nós como intuições psicolinguísticas que, sob o enfoque cognitivista, podem ser traduzidas como “imagens ou lembranças decorrentes de experiências já vividas” nos aproxima do conceito que temos de memória episódica: “memórias de eventos específicos, lugares ou situações ocorridas no passado” (THOMPSON, 2005, p. 511). Aliás, o conceito de imagem acústica aplicado à noção de significante do signo linguístico é, no nosso

entendimento, nascedouro da Psicolinguística em plena emergência do estruturalismo.

Charles Bally, discípulo de Saussure, prosseguiu com os estudos das chamadas “combinações livres”, propostas por seu mestre. Para ilustrar um dos inúmeros trabalhos recentes sobre a contribuição de Bally à Fraseologia, citaremos uma pesquisa da professora Cleci Regina Bevilacqua, em sua dissertação de mestrado “Fraseologia Jurídico-Ambiental” (UFRGS, 1996), sob a orientação de Maria da Graça Krieger, em que traz minucioso e interessante apanhado sobre as classificações semânticas dos fraseologismos propostas por Charles Bally, em seu *Traité de Stylistique Française*, publicado em 1909, em que situa as séries fraseológicas ou agrupamentos usais como “casos intermédios”, de difícil classificação no âmbito de seus estudos sobre as combinações, as livres e as indecomponíveis. Todavia, Charles Bally não abordou, suficientemente, na sua obra, a dimensão psicológica, intuitivamente, postulada por Saussure para os sintagmas, especialmente, os metafóricos. É certo, porém, Charles Bally esboçou um princípio psicológico de muita importância quando diz que são mais bem retidas na memória as palavras que vão juntas.

O fraseologismo, como o concebemos hoje, ao certo, nasceu com a linguística moderna de Saussure e, ao longo dos anos, objeto de atenção de Eugenio de Coseriu, em seu “*Linguística del Texto: una introducción a la hermenéutica del sentido*” (2007) que as chamou de “combinações feitas de signos” ou “discurso repetido” (*Ibidem*, p. 201). A afirmação de Coseriu de que as expressões fixas, em que são incluídas, ao certo, as expressões idiomáticas, resultariam de “mera reprodução do já dito”, ouvido ou lido, isto é, quando um usuário recorre à unidade fraseológica, nos seus atos de fala, reproduziria algo que anteriormente já havia dito, o que significa, doutra maneira, que o “*discurso repetido*” está – para tomar uma definição de Richard F. Thompson (2005) – realmente, armazenado na memória de longo prazo do usuário, que tem uma “capacidade e duração ilimitadas” (*Ibidem*, p. 511). As unidades fraseológicas, para Coseriu, são experienciadas por “determinada comunidade linguística” porque “muitos de membros as conhecem” (diríamos que os falantes fazem o ‘*reconhecimento idiomático*’) e, “inclusive as *sabem de cor*” (p. 202, tradução nossa).

Como dissemos, na introdução deste artigo, operacionalmente, entendemos as expressões idiomáticas como “enunciados fraseológicos” re-

sultantes de uma “enunção fraseológica”. Como enunciados fraseológicos, as expressões idiomáticas, linguisticamente, são unidades fraseológicas mais usuais de uma língua numa dada sincronia. Para construção dessa definição, recorreremos a posições teóricas da fraseodidática como as de Maria Luisa Ortiz Alvarez (2002); Stella E. O Tagnin (2005); Gretel Eres Fernández *et ali* (2004; Isabel González Rey (2007), Delbecque (2008) e Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista (2009). Estes pesquisadores apontam, em linhas gerais, a *idiomaticidade* e a *fixação* como os principais traços distintivos dos grupos fraseológicos uma vez que são “cristalizados, *memorizados*, prontos para uso, cujos constituintes perdem parcialmente ou totalmente suas propriedades semânticas, lexicais ou sintáticas” (NEVEU, 2008, p. 167, grifo nosso). Corpas-Pastor (1996, p. 19-28), *apud* Matias (2008), enumera, pelo menos, cinco características para a classificação das unidades fraseológicas: (a) Polilexicalidade; (b) Cristalização; (c) Opacidade; (d) Não composicionalidade⁴ e (e) Idiomaticidade, definições e características que levamos em conta na seleção das unidades fraseológicas do CEIS-2009.

Como enunciados fraseológicos, diríamos, psicolinguisticamente, que as expressões idiomáticas são formas *memorizadas* resultantes de experiências, corpóreas já vividas. E, como tais, não podem ser vistas apenas e, formalmente, como “frases feitas”, definitivamente acabadas, isto é, *frames* estocados em nossa mente, mas, substancialmente (outra vez, aqui, atualizaremos o conceito de substância de Saussure), são expressões que “metaforizam” nossas vivências

Afinal, quando evocamos as expressões idiomáticas recorremos a qual das memórias de longo prazo? Presumimos que a memória episódica, separada da semântica, desempenharia este papel psicolinguístico *específico*. Grifamos específico para tentar isolar a memória episódica da memória semântica, das duas memórias declarativas de longo prazo. Para essa discussão, que não esperamos (ou esperamos?) que seja um pugilato, vamos caracterizar, aqui, mesmo com os limites de espaço, as duas memórias. Recorreremos a Stéphane Ehrlich (1979); Leonor Scliar-

⁴ Como esta categoria será recorrente na escritura deste artigo, convém defini-la assim: semanticamente, como nos descreve Neveu (2008), a *não composicionalidade* “caracteriza-se por uma opacidade semântica que varia principalmente em função do grau de cristalização das expressões e pelas restrições sintáticas” (p. 75). O *princípio da composicionalidade*, aplicado à fraseologia e defendido explicitamente pelos linguistas cognitivos, foi desenvolvido, primeiramente, pelo filósofo e lógico Gottlob Frege (1879-1925).

Cabral (1991, 2005); Rosemeire Selma Monteiro(2001); Alain Lieury (2001) Michael W. Eysenck e Mark Keane (2007); Robert. J. Sternberg (2008); Guy R. Lefrançois (2008); entre outros teóricos cuja abordagem é, explicitamente, a *cognitivista*.

Os autores supracitados apontam a memória episódica como um registro individualizado de uma informação (no caso, a unidade fraseológica denominada expressão idiomática) específico de aparecimento. Para Scliar-Cabral, “a memória episódica é necessária à conversão do conhecimento de experiências a *narrativas linguísticas*” (p. 137, grifo nosso), o que equivale a dizer que as expressões idiomáticas são “narrativas linguísticas” (a que chamamos de enunciados, segundo a perspectiva de Récanati, 1998) diretamente relacionadas com a memória episódica. Aventurar-nos-íamos a dizer que sem a memória episódica, especificamente, conectada ao fraseologismo, não poderemos, no âmbito da Psicolinguística, postular uma memória específica para a *evocação e compreensão*⁵ das expressões idiomáticas.

A longa tradição dos estudos linguísticos sobre fraseologismo segue, ainda, enfoque estritamente lexicográfico ou estruturalista, inspirado nas postulações precursoras de Saussure e Charles Bally e a abordagem psicolinguística, proposta aqui neste artigo, eleva os estudos fraseológicos à categoria de objeto sob a “visão simbólica da cognição” e “hipóteses cognitivistas”, que é um avanço do ponto teórico-metodológico, recorrendo aos termos de Macedo (2008). Mas, nessas alturas, reconhecemos a sedução que nos causa a perspectiva ou abordagem dos linguistas cognitivos ao analisarem o caráter de não composicionalidade do idiomatismo das expressões fixas e a considerar, como fazem Cuenca e Hilferty (1999, p. 116) e reconhecerem, nos componentes individuais das “frases idiomáticas”, um papel importante na interpretação das mesmas, graças ao que chamam de “composicionalidade transparente”: “As frases feitas não são um mero *saco de metáforas mortas* cuja estrutura interna não tem nada a ver com sua interpretação global” (*Idem*, p. 121, tradução e grifo nossos).

Graças aos estudos dos linguistas cognitivos, acredita-se que “a compreensão da motivação metonímica ajuda na compreensão de metáforas e expressões idiomáticas”, conforme assinala Ferreira (2008, p.

⁵ Compreensão relacionada à fraseologia, neste artigo, é uma categoria psicolinguística e cognitiva, isto é, refere-se à construção de representações conceituais na memória do falante.

271). A questão da não composicionalidade das expressões idiomáticas, em favor da metáfora cognitiva, também vem à tona em estudos mais recentes, como os de Andrade (2008), que diz: “os significados dados às expressões idiomáticas não são arbitrários, mas têm base metafórica que decorre de esquemas de imagens e movimentos que emergem a partir de nossas experiências corpóreas”. Mas, eis que estamos em “terreno pedregoso” da Linguística Cognitiva e não iremos “com muita sede ao pote”, por razões, claro, óbvias: para este artigo, nosso referencial teórico restringe-se às descrições e explicações psicolinguísticas.

A *teoria dos roteiros* (scripts), também, chama-nos a atenção por ser aplicável aos estudos fraseológicos. Segundo Saraiva (2008, p. 55), esta teoria dá conta da “organização e aplicação do conhecimento na compreensão do discurso, em termos de frames ou scripts” que “desempenham um papel importante na aquisição de modelos pessoais novos, ou na atualização dos velhos, visto que o *processo de recordação* envolve a recuperação de modelos anteriores da mesma espécie” (grifo nosso), o que pode explicar, no nosso entender, o significado literal (composicionalidade) dado pelas crianças às expressões idiomáticas, nos dados coletados pelo CEIS-2009. Os scripts merecem uma atenção na nossa análise das expressões idiomáticas quanto às estratégias especiais utilizadas pelas crianças para o processamento das unidades fraseológicas: “Embora os scripts geralmente ajudem a recordação, eles por vezes também atrapalham porque um episódio que se encaixa em um script pode se fundir com ele, fazendo com que qualquer evento episódico perca sua distinção” (FLAVEL *et alii*, 1999, p. 209). Os *scripts*, então, seriam os responsáveis pelo caráter de composicionalidade dado pelas crianças às expressões idiomáticas, conforme verificamos no CEIS-2009?

3. Hipóteses psicolinguísticas para o processamento das unidades fraseológicas

Para este trabalho, partimos de hipóteses conhecidas do processamento psicolinguístico das unidades fraseológicas, a saber: (1) Hipótese de uma lista separada de expressões idiomáticas no léxico mental; (2) Hipótese da representação léxica; (3) Hipótese do acesso direto aos frasesmas e (4) Hipótese da imagem idiomática.

A partir das descrições de González-Rey (2007); Corpas-Pastor (2001) e Monteiro-Platin (2008), testamos as hipóteses acima, a partir da

tarefa de evocação livre das expressões idiomáticas, por meio de entrevista, procedimento metodológico bastante aceito por parte dos entrevistados e documentadores, para a coleta de dados do CEIS-2009. Temos alguns pontos a considerar após a análise das expressões idiomáticas, especialmente às relacionadas com a violência.

Começemos pela *hipótese de uma lista separada de expressões idiomáticas no léxico mental*. Por essa hipótese, somos levados a supor a existência de uma lista separada ou estocada de expressões idiomáticas que os falantes codificam e armazenam, de forma independente, no seu léxico mental. Como tais unidades têm um significado literal e idiomático, tornam-se ambíguas e requerem, portanto, dois modos distintos de processamento das unidades fraseológicas. Aqui se encontram os primeiros estudos de S. Bobrow e S. Belle (1973, *apud* CORPAS-PASTOR, 2001) sobre reconhecimento de unidades fraseológicas (UFS) fora do contexto, os quais foram refutados posteriormente.

O CEIS-2009 nos autoriza também a refutar esta hipótese acima. A análise dos dados preliminares da nossa pesquisa-piloto principalmente as entrevistas com nossos informantes, adultos de baixa instrução, e mais velhos, não nos indica qualquer nível de “ambiguidade” na hora de atribuir significado à unidade fraseológica apontada pelo entrevistador (Perguntamos assim, por exemplo: o que o sr. ou sra. entendeu da expressão “*Fulano faz tempestade em copo d água*”?). A maioria dos entrevistados respondeu ao comando com resposta do tipo “É quando uma pessoa briga à toa por coisa pequena”, o que confirma a fraseologia consignada no dicionário Houaiss: “estardalhaço por motivo insignificante”.

Quando o falante evoca a expressão idiomática estocada em seu léxico mental, dá significado mais próximo ao dicionarizado e, estrategicamente, recorre, pragmaticamente, a contextos linguístico e situacional, e, assim, segundo podemos observar, aproxima-se da “interpretação correta” cristalizada no dicionário (Por exemplo, na pesquisa-piloto, um falante adulto evocou livremente “Estar com a faca e o queijo na mão” e atribuiu o seguinte significado “A pessoa faz algo do jeito que ela quer ou pensa”. Ao consultarmos Houaiss (“dispor dos meios para impor uma vontade”), confirmamos, assim, o significado idiomático dado pelo falante sobralense à expressão idiomática.

Consideramos também à *hipótese da representação léxica*. Esta hipótese foi defendida, segundo Corpas-Pastor (2001), em 1979, por D. Swinney e A. Cutler em seu artigo “The access and processing of idioma-

tic expressions”. Considera que as unidades ou expressões fraseológicas são estocadas e recuperadas no léxico mental como qualquer outra expressão, sem a intervenção de nenhum mecanismo especial. (GONZÁLEZ-REY, 2007, p. 26 e MONTEIRO-PLATIN, 2008, p. 244). Corpas-Pastor afirma que esta hipótese parte do pressuposto de que o reconhecimento de uma unidade fraseológica desencadeia as interpretações literal e metafórica dos frasemas, embora os experimentos, sobre o reconhecimento do léxico, baseada na velocidade da resposta dos falantes, parece, segundo a pesquisadora, indicar certa preferência pela leitura idiomática em primeiro lugar, conforme comprovaram, 1982, R. Estill e S. Kemper em seu artigo “Understanding Idioms”. A análise dos dados, especialmente as introspecções⁶ dos nossos entrevistados, sugere-nos que os mesmos têm uma preferência por uma interpretação figurativa dos frasemas, isto é, de não composicionalidade, uma vez que recorrem a um tipo de memória de longo prazo, a que reconhecemos e caracterizamos, por sua especificidade, como sendo a memória episódica, o que nos levou a transformar esta categoria como central na nossa pesquisa em fraseologia psicolinguística.

Analizamos os dados da pesquisa-piloto para a verificabilidade da *Hipótese do acesso direto aos frasemas*. Esta hipótese, segundo Glória Corpas-Pastor (2001, p. 34) teria resultado da “Hipótese da representação léxica”. Desloca a ênfase de uma suposta ambiguidade fraseológica para a convencionalidade e fixação das expressões idiomáticas. Esta hipótese admite que a compreensão e a produção de uma EF seria facilitada pelo caráter fixo e institucional das unidades fraseológicas, segundo González-Rey (2007, p. 26) e Monteiro-Plantin (2008, p. 244).

Durante a aplicação da pesquisa-piloto, podemos observar que a maioria dos falantes adultos não apresentou dificuldade de dar o significado ao grupo fraseológico em questão e não deduzir o significado das expressões idiomáticas a partir dos significados isolados das palavras que o compõe. Os adultos não entenderam as expressões idiomáticas ao pé da letra, ao contrário das crianças. As crianças, ao serem indagadas “O que vocês entendem da expressão “mostrar com quantos paus se faz uma ca-

⁶ Entendemos por introspecção a reflexão e a descrição que o falante faz durante a entrevista, isto é, sobre o que ocorre na sua mente durante a evocação das unidades fraseológicas. Durante a constituição do CEIS-2009, foi feita o seguinte comando aos falantes entrevistados: “*Que estratégias o sr. ou a sra. utilizou para lembrar de cada uma das expressões idiomáticas?*”

noa”, responderam assim: “10 paus”, “20 paus”, “Depende da canoa, se ela for pequena ou grande”, “ Eu nunca contei, mas deve ser uns vinte paus”, “Eu nunca vi ninguém fazendo uma canoa” etc. (CEIS-2009). No caso das crianças, o princípio da não composicionalidade se constituiu uma estratégia essencial na interpretação dos enunciados idiomáticos. Por isso, para este artigo, levaremos em conta (mas não exclusivamente) a fixação e a idiomaticidade como traços evidentes para o reconhecimento das expressões idiomáticas (BAPTISTA, 2009) e funcionam, doutra sorte, durante a tarefa de evocação livre, como estratégias facilitadoras de acesso ao significado das mesmas ainda que não sejam as mesmas interpretações canônicas dos dicionários de idiomatismos.

A hipótese da não composicionalidade frasêmica assume que a interpretação de uma unidade fraseológica seria, inicialmente, literal, seguida da ativação de um mecanismo específico para seu reconhecimento, a partir do momento em que o falante reconhecesse sua não composicionalidade semântica. (MONTEIRO-PLATIN, 2008, p. 244). No caso dos nossos falantes adultos, esta hipótese foi confirmada. Todavia, não foi confirmada esta hipótese para os falantes-crianças. O que nos chamou a atenção, também, é que o princípio da não composicionalidade não foi levada em conta pelas crianças de 6 a 12 anos. Tomando a palavra de Cuenca e Hilferty (1999, p. 116), diríamos, a partir dos dados coletados pelo CEIS-2009, que a expressão idiomática do tipo “*mostrar com quantos paus se faz uma canoa*” (fraseologia que traduz, no regionalismo brasileiro, a ideia de “dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão), aplicada aos menores, não foi interpretada como uma “metáfora morta”, dicionarizada, e sim, deram-na uma interpretação literal.

No caso desta hipótese, aproximamo-nos dos principais resultados da pesquisa de Raymond W. GIBBS JR sobre o papel do contexto e da convenção linguística (ou seja, a ligação arbitrária entre significado literal e o significado não literal) na compreensão de expressões idiomáticas por crianças da primeira infância e por um grupo controle de adultos, relatadas em “*Semantic Analyzability in Children's Understanding of Idioms*” (1991), resumidamente aqui descritas:

- a) Independentemente da idade, o contexto tem um impacto substancial na compreensão expressão;
- b) A convenção linguística tem um efeito às criança maiores de 9 anos, mas não às crianças de 6 anos, e foi particularmente forte em adultos;

c) O papel da familiaridade também apareceu na introdução no início dos 9 anos e continuou na idade adulta.

4. *Consideramos necessária a verificação da hipótese da imagem idiomática*

Esta hipótese psicolinguística presume que os aspectos psicolinguísticos da representação de imagens subjacentes às expressões idiomáticas. (MONTEIRO-PLATIN, 2008, p. 245). Podemos confirmar esta hipótese nos falantes adultos de Sobral. A esse respeito, podemos observar que os entrevistados, especialmente as do sexo feminino, durante seus relatos indicam imagens mentais através da evocação de sua memória episódica, onde armazena eventos ou episódios experimentados pessoalmente (STERNBERG, 2008, p. 174). No primeiro momento, disseram aos documentadores não terem nenhum tipo de motivação especial para evocar os frasemas. Todavia, depois de alguns segundos, recordaram episódios ou momentos específicos de sua vida e neles, situaram as ocorrências das unidades fraseológicas em suas histórias de vida e cotidiano.

5. *Contexto como estratégia de evocação das expressões idiomáticas em adultos e crianças*

Havíamos solicitado aos entrevistados adultos (homens e mulheres) que nos informassem, pelo menos, 05 expressões idiomáticas, evocadas livremente. Em seguida, fizemos o seguinte comando: “Que mecanismo especial ou estratégia o sr. ou a sra. fez para lembrar (após atenderem a solicitação do entrevistador) das expressões idiomáticas solicitadas?”.

A seguir, exemplificaremos, aleatoriamente, algumas das respostas dadas a este comando acima, por cerca de 500 falantes da microrregião de Sobral, que nos parecem indicar “pistas ou indícios psicolinguísticos” do processamento das unidades fraseológicas dos entrevistados, o que chamaríamos aqui de “metáfora central do lembrar” (CATANIA, 1999, p. 237), levando-nos a postular um modelo de memória (episódica) presente nos processos cognitivos que implicam em *codificação, armazenamento, recuperação* das unidades fraseológicas:

- a) “Bem, quando você pediu pra falar, eu lembrei de uma frase que *aconteceu há muito tempo atrás*” (J. N. F., 58 anos)

- b) “Busquei na memória, mas não sei explicar como isso funciona. Só que *desde criança*, meus avós já falavam essas frases” (E. B., 50 anos).
- c) “Eu acho que busquei na memória, *minha mãe falava bastante essas expressões*. De vez em quando eu também faço uso. Foi engraçado você me perguntar isso, automaticamente comecei a lembrar de várias” (A. P. S., 48 anos)
- d) “*Lembrei das badernas* que tinha quando eu morava no bairro do Alto Novo (Dom José, em Sobral) (H. D. C., 42 anos)
- e) “*Lembrei de algumas situações vividas* no cotidiano nas quais precisei utilizá-las” (A. F. R., 42 anos)
- f) “*Lembrei-me de um assassinato* que houve no meu bairro” (J. N. A., 44 anos)
- g) “Retornei ao passado, *tempo de menina* quando ouvia as pessoas falarem” (M. J. F. M., 55 anos)

As respostas dos falantes do CEIS-2009 nos evidenciam que, na perspectiva de uma teoria “*múltiplos sistemas de memória*”, há uma memória episódica durante a convocação e evocação das expressões idiomáticas. A postulação de uma memória episódica, distinta da semântica, na década de 70 do século passado, foi definida por Endel Tulving (*Apud STERNBERG*, 2008, p. 174). Dorsh (2008), em seu dicionário, corrobora com esta teoria de multiarmazenamento, ao definir a memória episódica como aquele tipo que armazena informações (definição aplicável ao processamento das unidades fraseológicas) dentro de um contexto determinado e limitado no tempo e no espaço. (p. 310).

No caso das lembranças das unidades fraseológicas pelos entrevistados adultos do CEIS-2009, postulamos que a memória episódica vem à tona conforme podemos ler nos relatos orais dos falantes adultos do CEIS-2009 (posteriormente transcrito para o papel) durante suas introspecções. Vejamos o que diz Robert J. Ternberg (2008) sobre a memória episódica: “De acordo com Tulving, usamos memória episódica quando aprendemos *listas de palavras* (grifo nosso) ou quando precisamos recordar algo que nos ocorreu em um determinado momento ou em um contexto específico” (p. 174). Portanto, salienta-nos o papel da memória episódica nas unidades fraseológicas, por ele, por extensão, chamadas de “lista de palavras”.

A teoria da memória episódica, desenvolvida, originalmente, por Tulving (1972), afirma que toda vez que uma palavra (ou unidade léxica ou simplesmente uma lexia), como, por exemplo, a palavra “boca” (no CEIS-2009, por um único documentador da cidade de Forquilha, foram registradas 15 ocorrências de unidades fraseológicas que trazem a palavra “boca”), é “apreendida numa lista” e torna-se objeto de um registro específico que a individualiza em relação a outros contextos. (LIEURY, 2001, p. 95). Alain Lieury defende uma espécie de “teoria do encaixe da memória episódica na memória semântica”, postulação, aos nossos olhos, bastante razoável. Na verdade, a esse respeito, levantamos esta interrogação: "As expressões idiomáticas memorizadas no léxico mental dos falantes resultam de um encaixamento da memória episódica na memória semântica?"

Sabemos que é bastante polêmica a tese de distinção entre as duas memórias (semântica e episódica), todavia a existência de uma memória episódica é um fato, o que resta saber é se é ou não uma forma especializada de memória semântica ou declarativa, ou, se estas resultariam da própria memória episódica.

Aqui, por hora, os dados da introspecção dos entrevistados do CEIS-2009 indicam à luz do conceito operatório da Psicolinguística, que a memória episódica se constitui um mecanismo ou estratégia específica de *codificação, armazenamento e recuperação* das unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas. As expressões idiomáticas seriam codificadas com “*assimetria sintagmática*” por interferência da memória episódica. O CEIS-2009 aponta, por exemplo, a *assimetria* de codificação/recuperação hemisférica, o que podemos constatar através de variantes idiomáticas (por exemplo, as frases feitas geradas a partir do substantivo “boneco” – ainda não lexicalizada nos dicionários de referência como Houaiss ou Aurélio), que traduzem bem a idiossincrasia dos cearenses de Fortaleza, graças aos programas populares de televisão). O CEIS-2009 traz amostras dessa assimetria sintagmática como botar/botando, incluindo intensificadores como “muito”, em frases do tipo “Ele está *botando boneco*”; “Eu não gosto de quem *bota boneco* à toa” e “Meu irmão *bota muito boneco* quando tá bêbado”.

Os estudos de José Alves Fernandes (2000) nos sugerem essa “assimetria idiomática” através de um copioso registro de “formas opcionais representadas por inúmeras lexias compostas e complexas, constitutivas de adágios, ditos proverbiais e expressões fraseológicas” (p. 12). Fernan-

des cita, por exemplo, as seguintes “formas opcionais” (na verdade, variantes fraseológicas): “com quantos paus se faz uma cangalha/com quantos paus se faz uma jangada/de que pau é a canoa”. No caso do estudo de Fernandes, dezenas de unidades fraseológicas são devidamente datadas e abonadas, dois procedimentos da lexicologia. Numa palavra, postulamos que, graças à assimetria sintagmática de inúmeras unidades fraseológicas, falaremos, do ponto de vista sociolinguístico, em dialetismo regional. É o fraseologismo, condicionado por fatores sociais e culturais, que evidencia, nos lugarejos, distritos, metrópoles, cidades interioranas, nos estados e no país, os traços idiomáticos e idiossincrásicos de determinado grupo sociocultural.

6. *A compreensão das expressões idiomáticas relacionadas com a violência*

A partir de uma amostra de unidades fraseológicas, evocadas livremente por adultos, podemos sistematizar alguns dos matizes semânticos possíveis em fraseologias relacionadas com a violência:

- (a) *Fraseologia com significado de constrangimento*: observamos que, em nível de linguagem, o constrangimento pode se manifestar em duas situações: (a) quando a fraseologia sugere violência física ou moral exercida contra alguém, portanto, coação e (b) quando a fraseologia indica uma situação moralmente desconfortável; embaraço, vergonha, vexame. Uma pessoa, através da linguagem, pode muitas vezes exercer intimidação moral contra outra. A intimidação ocorre, em geral, em duas situações: (1) em expressões que provocam ou fazem a pessoa sentir apreensão, receio ou temor e (2) Quando a expressão é capaz de causar ou sentir constrangimento, timidez. São verbos que expressam a intimidação: acanhar, acovardar, ameaçar, amedrontar, assombrar, assustar, atemorizar, cominar, espavorir, transir.
- (b) *Fraseologia com significado de discricionariedade*: A linguagem pode ser um meio eficaz para “exercício injusto ou discricionário, geralmente, ilegal, de força ou de poder”, como ocorre, nos regimes militares, com o *golpe de Estado*. O aspecto discricionário corre, em nível de fraseologia, cria na pessoa uma atmosfera de restrições e limitações. Os ditadores, por exemplo, por excelência, exercem um poder discricionário sobre as pessoas.

- (c) *Fraseologia com significado de furiosidade*: A violência de linguagem ou de sentimentos de uma pessoa contra outra pode ser traduzida como uma “força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência”. A fúria, em linguagem fraseológica, expressa-se em situação de exaltação violenta de ânimo. São palavras que traduzem ideia de fúria: braveza, cólera, danação, enfurecimento, enraivecimento, exuberância, fereza, ferocidade, furor, gana, ira, irritação, ódio, raiva, rancor, sanha, selvageria, veemência, violência, zanga; Através da linguagem, uma pessoa pode praticar “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação.”
- (d) *Fraseologia de significado de furiosidade*:– Viver num ambiente de hostilidades e estigmatização linguística pode caracterizar um “cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania”, como ocorreu nos ambientes autoritários. Do ponto de vista jurídico, a coação, em linguagem, pode ocorrer em situação que haja constrangimento, violência física ou moral imposta a alguém para que faça, deixe de fazer ou permita que se faça alguma coisa.

Podemos, também, observar como se caracterizam, formal e estruturalmente, as fraseologias da violência:

1. *Dimensão metafórica*: as unidades fraseológicas, de modo geral, trazem uma carga metafórica muito forte uma vez que do sentido próprio de algumas lexias simples (mão, cara) ao figurado através de lexias compostas (locuções).
2. *Emprego regional*: as expressões se caracterizam por frasemas, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua.
3. *Natureza fraseológica*: observamos que a maioria das unidades fraseológicas são formas ou expressões cristalizadas, cujo sentido geralmente não é literal.
4. *Sentido figurado*: as unidades fraseológicas relacionadas à violência indicam sentido derivado do sentido primitivo de uma palavra (lexia simples), que supõe uma comparação implícita de qualquer ordem (metáfora), ou uma associação por contiguidade (metonímia), ou uma extensão do significado original.

5. *Uso informal*: os frasemas abarcam variantes linguísticas que em outros dicionários são classificadas como *popularismo*, *plebeísmo*, *gíria*, *linguagem familiar*, *linguagem infantil* etc.. Constatamos que popularismo desse tipo de unidade fraseológica resultam do emprego ou uso das mesmas a partir do seu repertório ou dialeto social da população com pouca instrução e que não faz parte do uso culto formal. Na verdade, poderemos dizer que, a rigor, há nessas unidades fraseológicas, um plebeísmo, isto é, são expressões típicas do *dialeto* das classes populares ou dos *registros* distensos da fala culta, e tidos frequentemente pela comunidade falante como grosseiros, algo grosseiros, vulgares ou triviais, mas que, alguns deles, não chegam a ser tabuizados.
6. *Uso tabuístico*: no exemplário de unidades fraseológicas, relacionadas com a violência, constatamos que muitas expressões se caracterizam por um tabuísmo uma vez que, socialmente, as consideramos como chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos. Algumas delas, podem ser mesmo chamadas de palavrões e afins, e referem-se geralmente ao metabolismo (*caçar, mijar, merda*), aos órgãos e funções sexuais (*caralho, pica, boceta* 'vulva', *colhão, cona, foder, crica, pachoucho* etc.), incluem ainda difemismos pesados como *puta, veado, cabrão*, expressões tabuizadas (*puta que pariu*) etc.]. O tabu idiomático, em geral, decorre, da influência da instituição religiosa que faz uma interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou linguagem. [A violação desse interdito acarreta, supostamente, castigo divino, que pode recair sobre o culpado ou sobre seu grupo.

Eis então uma amostra de um minivocabulário de expressões idiomáticas motivadas por temas relacionadas com a violência evocadas por adultos durante a constituição do corpus de nossa pesquisa-piloto:

LEXEMAS	IDIOMATISMOS	SIGNIFICADO IDIOMÁTICO
ÁGUA	ferver em pouca água (fraseologia)	zangar-se, irritar-se facilmente ou por motivos insignificantes
CABEÇA	perder a cabeça	perder a calma, agir irrefletidamente
CABEÇA	querer a cabeça de	(1) querer a captura e/ou a morte de (alguém) e (2) exigir a demissão de

		(alguém)
CABELO	de cabelo na(s) venta(s) (informal)	(1) decidido, ousado, valente e (2) irridiço, mal-humorado; brigão
CACHORRO	soltar os cachorros	expressar ira, mau humor; comportar-se com agressividade
CACHORRO	soltar os cachorros em ou para cima de (Regionalismo/informal).	dirigir-se a (algo ou alguém) agressivamente e esp. vociferando; insultar, admoestar
CADÁVER	passar por cima do cadáver de	matar
CÃO	viver como cão e gato (fraseologia)	viver às turras; estar sempre brigando
CARA	cara de tacho (informal)	expressão de rosto encabulada ou aturdida, diante de fato inesperado e/ou desagradável
CU	ficar com o cu na mão (fraseologia/tabuísmo)	ficar apavorado, cheio de medo
DENTE	mostrar os dentes a	demonstrar agressividade a (alguém)
FACA	pôr a faca no peito de (fraseologia/informal)	exigir uma atitude de; constringer, encostar na parede
FALAR	falar grosso	mostrar-se duro, irredutível ou autoritário (com outrem) (2) bancar o valente; não se intimidar
FAVA	mandar às favas	mandar embora, livrar-se de (alguém ou algo que importuna ou atrapalha); mandar pentear macacos
GRITO	no grito (Regionalismo/informal)	de modo violento, à força; na marra
LENHA	deitar ou pôr lenha na fogueira	açular uma disputa, um desentendimento
MÃE	falar na mãe de (fraseologia)	ofender (alguém), insultando-lhe a mãe
MÃO	dar a(s) mão(s) à palmatória	reconhecer ter sido vencido ou estar enganado
MÃO	levantar a(s) mão(s) para	tentar bater em
MEDO	não ter medo de caretas (fraseologia)	não se deixar intimidar
ONÇA	ficar uma onça (Regionalismo)	Mesmo que: <i>virar onça</i>
ONÇA	virar onça (Regionalismo)	ficar irado, enfurecido; ficar uma onça
OSSO	osso duro de roer (informal/Regionalismo)	(1) diz-se de pessoa destemida, valentona; carne de pescoço e (2) penoso de suportar, aceitar etc.
PATO	pagar o pato	(1) sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa e (2) pagar as despesas feitas por outra pessoa
PAU	chutar o pau da barraca (Regionalismo/informal)	deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossar, entornar o

		caldo
PAU	quebrar o ou um pau (Regionalismo/informal)	haver briga, desentendimento e/ou desforço pessoal
PAU	mostrar com quantos paus se faz uma canoa fraseologia (Regionalismo)	dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão
PAU	ficar pau da vida (Regionalismo/informal, tabuísmo)	ficar furioso
PAU	cantar o pau (Regionalismo/informal)	ocorrer pancadaria, briga; comer o pau
PAU	entrar no pau (Regionalismo/informal)	apanhar uma sova ou lutar
PAU	escreveu não leu o pau (Regionalismo)	se o combinado não for cumprido, haverá punição
PEGAR	pega pra capar	grande tumulto ger. com agressões físicas
PRATO	cuspir no prato em que comeu (informal)	demonstrar ingratidão
PRATO	pôr em pratos limpos	aclarar (uma questão, um fato confuso e suspeito), sem deixar nenhuma dúvida; esclarecer, deslindar
PUA	sentar a pua (Regionalismo/informal)	1 ser ríspido ou violento; agredir (2) agir com determinação, energia; mandar brasa
PUTO	puto da vida (Regionalismo: /informal ou tabuísmo)	zangado, irritado; pê da vida, puto
PUTO	ficar puto (Regionalismo/informal ou tabuísmo)	ter muita raiva ou irritação; zangar-se, irar-se
RABO	meter o rabo entre as pernas (fraseologia/sentido figurado/ informal)	ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado
RABO	ter o rabo preso (sentido figurado/ Regionalismo/informal)	ter o que esconder por agir de modo impróprio
RAÇA	acabar com a rabo de (alguém) Regionalismo/informal)	matar, destruir
SACO	encher o saco (regionalismo/informal)	enfadar(-se), chatear(-se), amolar (-se)
SACO	de saco cheio (regionalismo/informal)	enfasiado, amolado, aborrecido.
SACO	com (ou sem) saco	com (ou sem) paciência e/ou disposição para algo
SANGUE	ferver o sangue a (sentido figurado)	experimentar um profundo sentimento de indignação, revolta
SANGUE	ter sangue nas veias (sentido figurado)	Mesmo que: <i>ter o sangue quente</i>
SANGUE	ter sangue de barata (sentido figurado)	não reagir a provocações e ofensas

SANGUE	ter sangue na guelra (sentido do figurado/Regionalismo)	Mesmo que: <i>ter o sangue quente</i>
SANGUE	subir o sangue à cabeça (sentido figurado)	perder a serenidade; enfurecer-se

Eis uma pequena amostra da interpretação dada por crianças na primeira infância à expressão idiomática “*mostrar com quantos paus se faz uma canoa*”

Mostrar com quantos paus se faz uma canoa	
Nome das crianças e idade	Interpretação (literal/idiomática)
M.L, 06 anos	1000 paus
C.P, 06 anos	60 paus
T.F, 10 anos	Um ditado popular para aquietar as pessoas
M.J, 06 anos	Que eles querem brigar
F.A, 06 anos	14 paus
J.D, 06 anos	Porque eles estão com raiva (vi na TV)
A.S, 06 anos	3 paus
M.D, 06 anos	4 paus
E.M, 10 anos	Quando está com raiva de mim

Quadro II – Compreensão da expressão idiomática em Mucambo (CE)

Mostrar com quantos paus se faz uma canoa	
Nome das crianças e idade	Interpretação (literal/idiomática)
L.V, 9 anos	“Significa que eu também tenho que ficar com raiva”
L.B, 10 anos	“Vô se vingar do que ela falou comigo.”
P.I, 11 anos	“Significa que eu vô dar porrada em alguém.”
V.L, 11 anos	Não compreendeu a expressão
A.F, 11 anos	“Que a gente tem que resolver com a outra o que ela causou com a gente.”
E.S, 11 anos	“Briga.”
G.A, 7 anos	“Briga.”

Quadro III – Compreensão da expressão idiomática em Sobral (CE)

Mostrar com quantos paus se faz uma canoa	
Nome das crianças e idade	Interpretação (literal/idiomática)
L.G, 10 anos	É que ele vai dar uma lição.
A.M, 08 anos	Que o outro vai apanhar.
R.M, 07 anos	Que a pessoa vai aprender alguma coisa.
I.G, 06 anos	Que a canoa faz com muitos paus.
J.M, 07 anos	Que a pessoa agora vai aprender alguma coisa.
C.D, 07 anos	Que eu vou apanhar.
C.N, 09 anos	Que vai ter uma lição
L.G, 05 anos	Que a pessoa vai mostrar como se faz uma canoa.

K.G, 08 anos	Que a pessoa agora vai ver.
D.S, 08 anos	Que a pessoa agora vai tomar um castigo.

Quadro IV – Compreensão da expressão idiomática no Ipu (CE)

7. Considerações finais

A análise dos dados coletados nos levar a postular que os falantes da microrregião sobralense recorrem à memória episódica para a evocação das unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas, mais cristalizadas e memorizadas, na cultura popular. John Langshaw Austin, em seu “*Quando dizer é fazer: palavras e ação*” (1990) diz que as “declarações”, a que estendemos aqui para as expressões idiomáticas, chamadas pelo filósofo de “proferimentos”, não indicam particularmente a realidade relatada pois são “usadas para indicar (e não para relatar) as *circunstâncias* em que a declaração foi feita, as *restrições* às quais está sujeita ou a maneira como deve ser recebida, ou coisas desse teor” (p. 23, grifos nossos).

Tomando os aportes teóricos de Ricard F. Thompson (2005), os relatos contidos no CEIS-2009 indicam que entrevistados adultos, durante o processamento das unidades fraseológicas, acessam à memória episódica uma vez que evocam “lembranças de coisas acontecidas em sua experiência” (p. 362), em contraste com a memória semântica que não leva em conta o *tempo* no armazenamento das informações.

A distinção, entre a memória episódica e a memória semântica, encontra acolhimento em Springer (2008), que considera como dois tipos de memória de longo prazo, posição teórica a que, também, aderimo-nos. Segundo Springer, a memória episódica “registra informações sobre eventos específicos dentro do contexto de outros eventos durante a vida de uma pessoa” (p. 207), enquanto a memória semântica implica, como dissemos, num conhecimento do mundo ou cosmovisão do falante, envolvendo, assim, os fatos, os conceitos, as regras e os significados. Tal posição tem recepção nos aportes teóricos de Eysenck e Keane (2007) posto que veem na memória episódica a evocação das experiências pessoais ou episódios que aconteceram em um determinado lugar em um momento específico (p. 577), ou, simplesmente, entendem-na como “memória para eventos específicos”. Poderíamos dizer ainda que a postulação cognitivista de que memória declarativa de longo prazo possui duas memórias, a semântica e a episódica, significa considerar que as mesmas funções dis-

tintas durante o processamento fraseológico.

Para Guy R. Lefrançois (2008, p. 320), enquanto a memória semântica se caracteriza por ser um “conhecimento estável sobre o mundo”, a memória episódica traz como principal traço distintivo um “conjunto de conhecimento que diz respeito à memória pessoal dos fatos vividos pelo indivíduo”, não sendo, pois, abstratas, mas “memórias específicas ligadas ao tempo e espaço” também chamada por ele de *memória autobiográfica*, uma vez que “sempre envolve a pessoa num certo tempo e espaço”, características que podemos comprovar nos frasesmas coletados pelo EIS-2009.

Durante o relato dos falantes adultos, no CEIS-2009, constatamos que ao fazerem uma introspecção sobre estratégia para recorrerem, livremente, à memória, afirmaram ter uma espécie de *déjà-vu*, isto é, acreditam ter “vivido” alguma coisa com relação ao frasesma evocado: “relembrei coisas do passado ou algo que alguém me falou, ou até mesmo que eu falei para certas pessoas” (I. F. S., 32 anos) ou do tipo “Tenho lembrança que devo ter ouvido no decorrer da vida” (P. F. S., 43 anos) ou “Deve ser porque vivi um fato interessante”. (A. G. N., 53 anos)

Quanto aos falantes-crianças, presentes no CEIS-2009, podemos observar estratégias do contexto ou situação ou da própria memória episódica quando vão dar o significado a frasesmas do tipo “Mostrar com quantos paus se faz uma canoa”: “Ah! Minha vó diz isso *quando* está brava, mas nunca perguntei o que é” (M. R. C., 6 anos); “A minha mãe fala *quando* quer me contrariar” (B. A. S., 10 anos); “Se diz isso quando duas pessoas estão com muita raiva uma da outra, e começam a discutir” (M. W. S. S., 10 anos) e “*No dia* que minha mãe falou isso pra mim foi porque ela tava com raiva porque eu não tinha feito minha atividade de casa, ela estava furiosa e *me colocou* de castigo” (G. P. L., 8 anos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução e apresentação à edição brasileira de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CATANIA, A. Charles. *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. 4. ed. Tradução de Deisy das Graças de Souza. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- COSERIU, Eugenio. *Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Edición, anotación e estudio previo de Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros: 2007.
- CUENCA, Maria Josep e HILFERTY, Joseph. *Introdução a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1999.
- DELBECQUE, Nicole. *A lingüística cognitiva: compreender como funcionar a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica e tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- EHRlich, Stéphane. *Aprendizagem e memória humanas*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark. T. *Manual de psicologia cognitiva*. 5. ed. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERNÁNDEZ, Gretel Eres *et alii*. (Coord.). *Expresiones idiomáticas: valores y usos*. São Paulo: Ática, 2004.
- FLAVELL, John H., MILLER, Patricia H.; MILLER, Scott A. *Desenvolvimento cognitivo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FRANÇOIS, Frédéric. *Crianças e narrativas: maneiras de sentir, maneiras de dizer...* Tradução e adaptação de Ana Lúcia Tinoco Cabral e Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009.
- GIBBS JR., Raymond W. Semantic Analyzability in Children's Understanding of Idioms. *Journal of Speech and Hearing Research*, Vol. 34, p. 613-620 June 1991.
- GONZÁLEZ-REY, Maria Isabel. *La didactique du français idiomatique*. Fernelmont: E. M. E, 2007.

_____. *Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos* [Idioms Acquisition methodology and didactic resources]. Ferrelmont: E. M. E. 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEFRANÇOIS, Guy R. *Teorias da aprendizagem*. Tradução de Vera Magyar. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

LIEURY, Alain. *Memória e aproveitamento escolar*. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 2001.

ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In CUNHA, Maria Jandyrá Cavalcanti e SANTOS, Percília. (Orgs.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: UnB, 2002.

RÉCANATI, Françoise. Conteúdo semântico e conteúdo cognitivo dos enunciados. In: ANDLER, Daniel. (org.). *Introdução às ciências cognitivas*. São Leopoldo: Unisinos, 1988, p. 211-235.

SPRENDGER, Marilee. *Memória: como ensinar para o aluno lembrar*. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SPRINGER, Sally P.; DEUTSCH, Georg. *Cérebro esquerdo, cérebro direito: perspectivas da neurociência cognitiva*. 5. ed. São Paulo: Gen/Santos, 2008.

STERNBERG, Robert J. *Psicologia cognitiva*. 4. ed. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAGNIN, Stella E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. Inglês e português. São Paulo: Disal, 2005.

THOMPSON, Richard F. *O cérebro: uma introdução à neurociência*. 3. ed. São Paulo: Santos, 2005.